

entreates

EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL

Helena Santiago Vigata (org.)



Entreartes: memórias, registros e relatos de uma exposição multissensorial

Helena Santiago Vigata (org.)

1ª edição
Brasília, 2020



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro – Via L3 Norte, s/n – Asa Norte, Brasília – DF, CEP: 70910-900

Telefone: (61) 3107-6627 | E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETORA

Dione Oliveira Moura

COORDENADORA EDITORIAL

Rafiza Varão

VICE-DIRETOR

Tiago Quiroga Fausto Neto

IDEALIZADORA DO PROJETO

Helena Santiago Vigata

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva

PARTICIPANTES

Arthur Pontes Costa, Joyce Stefany Pereira Santos, Liam Christopher Moutinho da Silveira, Patrícia Tavares da Mata, Sofia Soares Dias, Victória Albuquerque Silva e Viviane Santos Queiroz

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cícilia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC)

PROJETO GRÁFICO

**Arthur Pontes Costa
Sofia Soares Dias**

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal)

ORGANIZAÇÃO

Helena Santiago Vigata

V672 Vigata, Helena Santiago.

Entreartes : memórias, registros e relatos de uma exposição multissensorial [recurso eletrônico] / Helena Santiago Vigata. – Brasília : Universidade de Brasília, FAC Livros, 2020.

82 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<https://faclivros.wordpress.com/category/livros/>

ISBN 978-65-86503-23-4 (e-book)

1. Artes. 2. Exposição. 3. Multissensorialidade. I. Título.

CDU 7

**Entreartes: memórias, registros
e relatos de uma exposição
multissensorial**





agradecimentos

O projeto Entreates foi selecionado pelo Edital N° 17/2018 “Áreas Culturais” do Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal, com financiamento para pagamento de bolsas estudantis e serviços de acessibilidade, transporte e produção. Mas, na véspera da publicação do resultado final e da assinatura dos contratos, o Secretário de Cultura e Economia Criativa, Adão Cândido, cancelou o Edital por meio de um aviso publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, prejudicando os mais de 250 projetos que foram selecionados. Felizmente, após a exoneração do Secretário o edital foi retomado e já estamos trabalhando na segunda edição do Entreates.

Se não fosse pela ajuda da Casa Thomas Jefferson e pelo apoio da Embaixada dos Estados Unidos, este projeto não teria sido concretizado, mesmo com todo o esforço e dedicação da equipe de produção. Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos ao produtor sociocultural da Casa Thomas Jefferson, o Sr. Luiz Carlos Costa, pela sua ajuda, compreensão e incentivo constante, a toda a equipe de funcionários da Casa Thomas Jefferson da Asa Sul pelo suporte e excelente convívio, à assessoria de comunicação e à Embaixada dos Estados Unidos nos nomes de Erik Holm-Olsen, Conselheiro para Assuntos de Cultura, Educação e Imprensa, a Sra. Julia McKay, Adida Adjunta para Assuntos de Educação e Cultura, e a Sra. Karla Carneiro H. de Maia, Especialista em Assuntos Culturais, que tornaram possível a vinda de nosso convidado internacional e de suas obras.



Agradecemos aos artistas e a todas as pessoas que trabalharam durante meses para tornar este projeto possível, assim como a todas as instituições que nos visitaram e tão generosamente nos ajudaram a avaliar os resultados do trabalho realizado.

Ao longo da caminhada reforçamos antigas relações e firmamos novas parcerias que esperamos sejam duradouras. Agradecemos o Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) da Universidade de Brasília, o Laboratório de Áudio (LabAudio) da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o Visão Hospital de Olhos e a empresa Acesso, desenvolvedora do aplicativo Acesso Acessibilidade. Agradecemos também o CEEDV e a Biblioteca Dorina Nowill pelo importante apoio a nossos projetos.

Por fim, nossos mais sinceros agradecimentos às pessoas que aderiram à campanha de arrecadação criada para nos ajudar a cobrir as despesas de produção. Nossos especiais agradecimentos às pessoas a seguir: Alicia Roncal, Andrea C. B. Judice, Andrés Santiago, Carmen Vigata, Coro Pina, Elena Figuerido, Elisa Santiago, Inés Román, Irene Sánchez, Jorge Bretos, Juana Zubicoa, Maite Santiago, Mar Ramírez, Marcelo O. Judice, Maite Santiago, María Bretos, Marcos Carneiro, Mariana de Lima Medeiros, Marta Santiago, Mercedes López, Nérida Oyaga, Pepa Vigata e Yuri Queiroz Gomes.

créditos

Muitas pessoas colaboraram com o Entreates, como se pode constatar na lista a seguir. Algumas acumularam múltiplas funções e foram essenciais para o andamento do projeto. Merecem menção especial Arthur Pontes Costa e Sofia Soares Dias pela sua dedicação e perseverança.

Equipe

Coordenação geral:

Helena Santiago Vigata (professora da Universidade de Brasília)
Luiz Carlos Costa (produtor sociocultural da Casa Thomas Jefferson)

Curadoria:

Helena Santiago Vigata

Produção geral e de conteúdo:

Arthur Pontes Costa
Sofia Soares Dias

Criação de identidade visual e plano de comunicação:

Arthur Pontes Costa

Registro fotográfico e audiovisual:

Arthur Pontes Costa
Mayerle Amarante Feitosa

Mídias sociais:

Sofia Soares Dias

Eduardo Felten

Saulo Machado

Realização e edição de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Arthur Pontes Costa

Victória Albuquerque Silva

Finalização de vídeos:

Arthur Pontes Costa

Sofia Soares Dias

Audiodescrição de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Liam Christopher Moutinho da Silveira –
Roteiro

Thales Bortone de Araújo – Roteiro

Arthur Pontes Costa – Edição

Lídia Scarabele – Locução

Viviane Santos Queiroz – Consultoria

Locução do teaser em espanhol:

María del Mar Paramos Cebey

Interpretação simultânea e audiodescrição em inglês:

Sofia Soares Dias

Victória Albuquerque Silva

Mariana Medina

Viviane Santos Queiroz

Legendagem de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Voice-Over de vídeo:

Helena Santiago Vigata – Roteiro

Arthur Pontes Costa – Locução e edição

Mediação e objetos mediadores:

Victória Albuquerque Silva

Patrícia Tavares da Mata

Liam Christopher Moutinho da Silveira

Viviane Santos Queiroz

Lídia Scarabele

Mariana Medina

Joyce Stefany Pereira Santos

Mayerle Amarante Feitosa

Janela de Libras:

Patricia Tuxi

Gabriel Lopes de Carvalho
Maria Karoline Alves de Sousa
Sara de Jesus Cardoso Vogado
Rayane Souza de Oliveira

Colaboradores:

Rafael Sales de Sousa – oficina de After Effects

Rodrigo Teodoro - Trilha sonora para vídeos

Thales Bortone de Araújo – oficina de Land Art

Kamila Cristina Rolim da Silva – Site

Ludmila Moreira Pires – Site

Camila de Oliveira Soares – Site

Rebeca Gabriela de Franca Pinheiro – Site

Parceiros:

Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) da Universidade de Brasília
Visão Hospital de Olhos



os artistas



Flávio Luis da Silva

Brasília, DF

Escultor cego. Cria esculturas em argila com técnica de modelagem adaptada e telas táteis. Utiliza um método de modelagem da figura humana baseado na simplicidade das formas geométricas, ou seja, formas elementares tais como o cubo, prisma, esfera, cilindro com bases triangulares, trapezoidais, dentre outros, e pequenas placas ou tiras complementares, agregadas conforme a necessidade de composição da figura projetada mentalmente. Esse fundamento facilita a sistematização da obra e o processo de construção, pois a pessoa cega requer níveis mais altos de abstração e maior trato – cognitivo e tátil – no que se refere à retirada de elementos para formar uma escultura, considerando-se que é mais fácil somar do que subtrair.

Tipo de participação:

Exposição de esculturas e telas táteis.





John Bramblitt

Texas, EUA

Artista plástico cego. Autor do livro *Shouting in the Dark: My Journey Back to the Light* (2012), onde relata sua relação com o território da cegueira e como saiu da depressão quando descobriu a pintura e recuperou a paixão. Aprendeu a distinguir entre as cores pela textura da tinta e aprendeu a pintar utilizando-se da visualização háptica. Foi assim que uma noite começou a criar linhas com tinta de alto relevo, sentindo as formas através do tato. O artista desenvolveu uma técnica em que a música que ouve se transforma nas cores da obra que pinta.

Tipo de participação:

Exposição de suas obras; oficinas de pintura a cegas; *live painting* (pintura ao vivo) acompanhado pelos musicistas Rodrigo Bezerra e Thanise Silva.







Angela Carter
1940-1992
The Art of the Novel
The Art of the Novel
The Art of the Novel



Luciano Ambrósio

Brasília, DF

O fotógrafo Luciano Ambrósio perdeu completamente a visão aos 24 por conta de uma retinose pigmentar. Trabalha no Senado como assessor parlamentar. Em 2016, ele participou de uma oficina de fotografia inclusiva, quando despertou seu interesse pela arte de fotografar. A sensibilidade e a emoção o inspiram no momento de cada registro. Ele só entende fotografia se ela vier acompanhada de poesia.

Tipo de participação:

Exposição de fotografias sinestésicas.



Ó beleza, onde está tua verdade?

(William Shakespeare)

O que é ver? Pra mim é perceber: tocar, ouvir, imaginar, sentir! O que me diz uma voz suave, um sol fraco entre as folhas de uma árvore, o que dizem meus pés ao caminharem pela estrada, o que me diz uma escada que subo? O que podem me mostrar as águas do lago que molham minhas mãos, do que me lembro ao sentir o vento no rosto, o que ouço no pio dos pássaros, nas ruas cheias de carros.

Eu sou o resultado do ruído das cores, do silêncio das palavras que contemplo, da luz que a escuridão me acende, da poesia a me descobrir pelo caminho, sou uma lembrança e um sonho, o adeus e o encontro, a lágrima, o abraço, o riso, a flor, o beijo.

Luciano Ambrósio

Encanto

*Uma música ao fundo
Um cheiro que acompanha
Um encontro
Uma lembrança
Uma voz que vem lá do fundo
Um poema sugerido, um sorriso...
Uma criança que corre
Quanto silêncio!
Trago um pôr do sol aos olhos de todos
Na tarde que escuto em minha pele
Trago ao meu coração a cor que de ti percebo
E percebo o mundo que sentes.*

Luciano Ambrósio





Tudo que vejo é poesia, tudo que sinto, fotografia

Os únicos pedaços de meu corpo pelos quais eu não enxergo são meus olhos, mas todas as impressões captadas pelos meus ouvidos, por minhas mãos, meus pés, minhas narinas ou por cada centímetro de pele são percebidas junto com imagens. A beleza e a sublimidade do mundo está na riqueza das percepções sensoriais: eu vejo onde não vejo e sinto cheiro do calor do sol.

Literalmente eu ouço os espaços e toco o perfume de uma flor.

As imagens que busco registrar nascem da busca do encontro: mente, alma e natureza.

Luciano Ambrósio

Marta Ruffoni Guedes

Brasília, DF

Ceramista com deficiência visual que reside em Brasília. Criadora do Grupo Brasília Tátil (ABDV), cujo objetivo principal é a inclusão e interação das pessoas com deficiência na sociedade. O grupo se concretizou executando os projetos de inclusão nas Escolas Classe e Parque do Ensino Fundamental do DF, onde foram organizadas oficinas de cerâmica e visitas guiadas aos pontos turísticos e do patrimônio histórico. Hoje o ateliê COMTATO é seu principal instrumento de trabalho.

Tipo de participação:

Exposição de obras e oficina de cerâmica.









Maycon Calasancio

Brasília, DF

Maycon Calasancio é surdo, negro e há 9 anos começou a dançar, começando pela dança de salão em 2010. Entrou no curso de Licenciatura em Dança pelo Instituto Federal de Brasília – IFB em 2016, onde se apaixonou pelo ballet e pela dança contemporânea. Além disso, trabalha com a relação entre mediação cultural e Libras, incorporando o uso do classificador como uma forma de linguagem mais acessível aos públicos ouvintes e surdos no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília. Com desenvoltura corporal, integra dança, atuação e o protagonismo surdo às diferentes linguagens artísticas, e já se apresentou no CCBB, no IFB e em outras instâncias culturais do DF.

Tipo de participação:

Mediação e oficina de dança contemporânea com Libras.





Projeto Pés de Teatro-Dança

Brasília, DF

Desde 2011, o Projeto Pés pesquisa a criação, provocação e execução do movimento expressivo para e por pessoas com deficiência através de técnicas do teatro-dança. O Projeto, no entanto, foi idealizado em 2009 pelo diretor, Rafael Tursi, recém-formado Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB) com um trabalho sobre a criação e análise de movimentos cênicos expressivos a partir da Análise Laban do Movimento (LMA). O Projeto PÉS tem, hoje, em seu repertório, mais de cem atividades realizadas, entre apresentações de cenas e espetáculos, aulas, palestras, trabalhos de conclusão de curso e participações em eventos nacionais e internacionais. É, ainda, ganhador dos prêmios de Melhor Trabalho Nacional de Educação Inclusiva e Melhor Trabalho Nacional de Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência, emitidos pelo último Congresso Nacional de Diversidade e Inclusão, em 2012.

Tipo de participação:

Apresentação no encerramento da cena HÁBRAÇOS, coreografia de Mari Lotti, Roges Moraes e Yuri Jorge.



Fotografia de Juliana Boechat/Clarabóia Filmes





Thaíse
Silva

Brasília, DF

Rodrigo
Bezerra

Brasília, DF



Thanise Silva é flautista, arranjadora e compositora brasiliense com 20 anos de carreira. Sua formação se deu na Escola de Música de Brasília – onde hoje dá aulas – e na Universidade de Brasília. Durante sua trajetória, tocou e gravou com diversos músicos e artistas, além de ter escrito arranjos para gravações e shows. Realizou 02 turnês nacionais, nas quais tocou e lecionou em São Paulo, Recife, Curitiba, Rio de Janeiro e 02 turnês internacionais, realizando shows e workshops na Alemanha, Bélgica, França, Suíça e Lichtenstein. Dentre seus projetos atuais, destaca seu duo com Dudu 7 cordas e os grupos “Fernando César e Regional” e “Trio Aretê”, dos quais é solista.



Instrumentista, produtor, compositor e arranjador brasiliense, Rodrigo Bezerra teve seu primeiro contato com a guitarra aos 12 anos de idade. Dos 16 aos 27, se dedicou a sua formação como instrumentista, se graduando em música pela Universidade de Brasília e se tornando o primeiro aluno formado do departamento de guitarra elétrica da Escola de Música de Brasília. Entre 2004 e 2010, Rodrigo Bezerra tocou e produziu a cantora Ellen Oléria. É dele, por exemplo, a produção de “Peça”, disco de estreia da cantora. Em 2008 lançou com o grupo instrumental “Tequatro” um disco homônimo. Em 2013 lançou seu primeiro disco de canções, “Tempo ilusão”. Em 2015, foi a vez de “Três”. No ano seguinte, se aventou em carreira solo, com o trabalho também instrumental “Outros lugares”. No ano de 2016 fez mais dois lançamentos, o DVD “A música de Rodrigo Bezerra” e o álbum instrumental “Naturalmente”, ao lado do baterista Allen Pontes. Em 2018 lançou o sexto disco de sua carreira, “Lugar no Mundo”.

Tipo de participação:

Concerto ao vivo acompanhando o *live painting* (pintura ao vivo) de John Bramblitt.

as instalações
&
a exposição

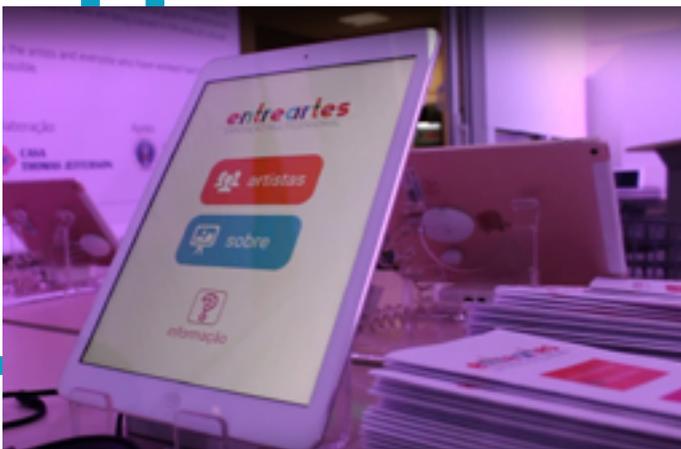
A exposição foi realizada na galeria da Casa Thomas Jefferson da Asa Sul, localizada na Via W5 Sul, SEPS 706/906 da Asa Sul, no Plano Piloto da cidade de Brasília, Distrito Federal.



Espaço interno da galeria



A galeria dispõe de mesas fixas com tablets, o que nos permitiu a utilização de recursos audiovisuais para complementação da exposição. Além disso, a presença de mobiliário como cadeiras, mesas, sofás e similares na galeria e em sua área externa, bem como a iluminação natural e boa ventilação do ambiente, propõem uma experiência mais descontraída que incentiva a permanência do público no local.







As oficinas foram realizadas nos espaços interno e adjacente à galeria, de maneira a manter um contato constante com as obras.



Espaço externo da galeria



textos
da equipe

MUSEUS PARA TODOS: ACESSIBILIDADE

O museu deve ser um agente de inclusão social e democratização do conhecimento. A maioria dos museus supre as necessidades físico-motoras das pessoas, mas apenas uma pequena parcela está preparada para receber visitantes com necessidades sensoriais e psicossociais. O aumento da demanda por acessibilidade integral se deve à pressão dos movimentos sociais, uma vez que os espaços museais, públicos e privados, mesmo aqueles que prezam pela inclusão, nem sempre a praticam.

Considerando a comunicação como uma de suas finalidades, torna-se objetivo dos espaços culturais levar conhecimento para a população de forma prática e acessível, além de estimular o pensamento crítico.

Uma exposição é muito mais do que a obra. Sendo assim, durante o processo de adaptação de uma exposição, a prioridade é transmitir o seu sentido e valor. Não apenas traduzi-la, mas fazê-la sentir. Cada visitante possui necessidades e preferências específicas que podem vir a ser supridas a fim de proporcionar uma experiência artística mais satisfatória. Portanto, é necessário conhecer as necessidades do público receptor para, então, pensar em estratégias.

Algumas formas de incluir são: conteúdos multimídia (linguagem adaptada à faixa etária, língua nativa ou necessidade específica), geolocalização, experiência aumentada, dispositivo de audição assistida, sinalização em braille, interação e adaptação ao usuário visitante (p. e.: visitas guiadas em libras ou para pessoas com TEA).

Nesse meio, o conceito de Tradução e Interpretação Acessível vem sendo cada vez mais discutido e se tornou um mercado de trabalho em ascensão. O profissional que atua nesta área deve estar capacitado para realizar: Audiodescrição, Interpretação em Língua de Sinais, Legendagem e Adaptação Textual (ao conhecimento prévio, capacidade cognitiva, interesse etc.). No entanto, os poucos museus capacitados para receber este público diverso costumam ser vinculados a instituições muitas vezes geograficamente inacessíveis, reforçando a ideia de uma arte para uma minoria privilegiada.

A ideia de inclusão artística consiste em incentivar e promover movimentos culturais que possibilitem a integração entre cidade, público e acessibilidade. Não apenas adaptando, mas também buscando alternativas de baixo custo para criar experiências sensoriais diversas.

Pequenas oficinas de experiência olfativa, tátil ou sonoplásticas são bons exemplos de que é viável fazer algo interessante com pouco. Em um nível maior, é possível pensar na criação de exposições interativas previamente pensadas para provocar sensações no coletivo, criando, assim, união e democratização do espaço artístico, que passa a não ser mais excludente, uma vez que procura agir ativamente para a sua comunidade e abranger todos os públicos em seu meio.

Iniciativas como o projeto Entreartes são exemplares, convidando artistas diversos para falar sobre seus projetos e mostrar seus trabalhos, promovendo oficinas inclusivas e adaptando todo o processo do início ao fim, sempre visando que a experiência de todas as pessoas seja a melhor possível.

Joyce Stefâny

Criação de objetos mediadores

Referências/ Sugestões de Leitura:

JIMÉNEZ HURTADO, Catalina; SEIBEL, Claudia; SOLER GALLEGO, Silvia. **Museos Para Todos. La Traducción E Interpretación Para Entornos Multimodales Como Herramienta De Accesibilidad Universal.** MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación, Universitat de València Alicante, España, p. 1-36, 15 nov. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265125413015>. Acesso em: 20 maio 2019.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus** / Regina Cohen, Cristiane Duarte e Alice Brasileiro - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. 190 p. ; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.2).

registros
e
relatos

Abertura

A cerimônia de abertura da exposição ocorreu na noite do 30 de agosto de 2019. Após os discursos que deram início à cerimônia, o público presente pôde desfrutar do concerto ao vivo dos musicistas brasileiros Rodrigo Bezerra e Thanise Silva, que prepararam um repertório de flauta e guitarra para acompanhar o *live painting* do artista plástico e muralista John Bramblitt. O evento teve interpretação simultânea (inglês-português e Libras) e audiodescrição.





Oficinas

Foram ministradas pelos artistas participantes várias oficinas inclusivas no espaço da galeria e áreas adjacentes. Nosso objetivo era que, ao mostrar as técnicas que utilizam para criar, os artistas incentivassem outras pessoas a enveredar pelo caminho da arte e descobrir seu potencial criador independentemente de suas capacidades sensoriais.

John Bramblitt ministrou duas oficinas de pintura com texturas para pessoas cegas ou com olhos vendados. A primeira foi uma visita fechada para um grupo de estudantes de inglês do CIL Asa Norte e a segunda foi aberta para o público geral.

Foi interessante observar como a prática da pintura às cegas se tornou um processo didático. Cada participante recebia uma tela em branco com um desenho em relevo preparado pelo artista e um prato com quatro cores (branco, amarelo, azul e vermelho), as quais poderia misturar à vontade para criar novas cores.





Algumas pessoas preferiram manter as cores primárias e preencher cuidadosamente com o pincel os espaços delimitados pelas linhas do desenho. Já outras optaram por um estilo mais livre, pintando com os dedos e buscando cores compostas. De maneira a facilitar o reconhecimento das cores pela textura, foram adicionados diferentes elementos a cada tinta: alpiste, farinha, areia.

Ambas as oficinas tiveram interpretação simultânea de inglês para português e audiodescrição.

A ceramista Marta Guedes ofertou uma oficina de criação de pratos de cerâmica, e ainda houve uma aula de dança contemporânea com incorporação da língua brasileira de sinais, ministrada pelo bailarino Maycon Calasancio.

Visitas mediadas

Foi prevista pelo projeto a realização de visitas mediadas personalizadas para grupos fechados, previamente convidados através de associações de pessoas com diversidade sensorial. Mas, a fim de permitir que visitantes independentes pudessem agendar suas visitas de maneira espontânea, foi aberto um canal de comunicação para receber solicitações de agendamento.

Graças à ampla divulgação do evento por parte da assessoria de comunicação da Casa Thomas Jefferson, recebemos uma alta demanda de escolas e centros educacionais que trabalham com pessoas de diversas faixas etárias, capacidades funcionais e perfis socioeducativos.

Durante todo o mês de setembro, realizaram visitas mediadas: um grupo de adultos com cegueira e baixa visão da Biblioteca Dorina Nowill, um grupo de crianças e outro de adultos e idosos do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), um grupo de jovens e adultos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), um grupo de crianças e adolescentes do Centro Olímpico e Paralímpico do Gama, um grupo de adultos do Instituto Federal de Brasília (turma do PROEJA) e duas turmas de crianças da Escola Céu de Brasília.

Foi uma experiência muito enriquecedora para a equipe, que teve que estudar previamente a cada visita o perfil dos visitantes e suas preferências e necessidades. Houve pessoas com diferentes graus e tipos de cegueira, surdez, autismo, síndrome de Down, deficiência física, intelectual e múltipla.



Como parte da mediação, em todas as visitas foram propostas atividades criativas pós-visitação, de maneira a promover o contato das pessoas com as linguagens artísticas: umas pessoas pintaram, outras fizeram esculturas de barro, outras fizeram fotografias e vídeos, algumas aprenderam a fazer origamis... Uma seleção das produções resultantes ficou exposta no espaço da galeria.



Encerramento

No dia 27 de setembro, às 20h30, tivemos o evento de encerramento da exposição Entreates, que contou com a apresentação de dança do grupo Pés de Teatro-dança. A cena apresentada intitula-se “HÁBRAÇOS”, uma coreografia de Yuri Jorge, Mari Lotti e Roges Moraes apresentada pelos dois últimos. Nesta noite, seguindo os objetivos de acessibilidade presentes em toda a exposição, oferecemos o recurso de audiodescrição.

O processo de elaboração da audiodescrição iniciou-se com a criação do roteiro pelo audiodescritor Christopher Silveira, o qual recebeu um vídeo da cena com antecedência e teve a oportunidade de participar de um ensaio do grupo para observar os detalhes da construção cênica. A primeira versão do roteiro passou pela revisão da audiodescritora Patrícia Tavares e, por fim, pela revisão da consultora Viviane Santos. Na noite de encerramento, a locução teve o diferencial de ser feita de forma intercalada pelos dois audiodescritores; enquanto Patrícia descrevia os movimentos do dançarino Roges Moraes, Christopher descrevia os movimentos da dançarina Mari Lotti.

A audiodescrição ocorreu na modalidade ao vivo com som aberto, de maneira que não só os convidados com deficiência visual pudessem ter contato com a experiência da dança, mas também que os convidados enxergantes pudessem ter a experiência de se colocar no lugar de quem faz uso deste recurso. Assim, levamos a todos os presentes o desafio lançado pela apresentação “HÁBRAÇOS”: refletirmos sobre o “quanto de mim existe no outro e o quanto do outro eu carrego em mim”.



Desenvolvimento:



Universidade de Brasília



Parceria:



UnB | LabAudio

Laboratório de Áudio
da Faculdade de Comunicação

Colaboração:



Apoio:



Embaixada dos Estados Unidos
no Brasil

entreatespt.wordpress.com